

Rio de Janeiro: Desindustrialização e crise

Bianca Louzada Xavier Vasconcellos¹
Adrianno Oliveira Rodrigues²

RESUMO ESTRUTURADO

Introdução/Problematização: A cidade do Rio de Janeiro possui expressiva participação econômica no estado do RJ. Possui estrutura produtiva diversificada, embora, o setor petrolífero ganhe mais atenção, atualmente. O município já enfrentava uma crise econômica e aumento de sua dívida, antes de 2020. O advento do Covid-19, aprofundou as dificuldades da economia local.

Objetivo/proposta: é apresentar um conjunto de dados que mostrem a situação atual da economia do Rio de Janeiro e como a pandemia pode ter acentuando o processo de desindustrialização, consequentemente seus efeitos para o desenvolvimento socioeconômico do município.

Fundamentação teórica: O debate sobre desindustrialização tem sido desenvolvido ao longo das últimas três décadas, por diferentes correntes teóricas. A perda de importância da indústria de transformação em uma economia pode ser preocupante quando acompanhada de perda de setores de alta tecnologia. A falta de diagnóstico e estratégias políticas podem levar a especialização em poucos setores ou a reprimarização.

Discussão dos Resultados: Os dados apresentam uma situação crítica econômica anterior a pandemia do Covid-19, a qual apenas aprofundou a crise em curso.

Considerações Finais: É importante se recuperar da crise de 2020, ou seja, recuperar os empregos formais, fomentar o crescimento, inclusive para recuperação e aumento das receitas. No longo prazo é urgente reconhecer os problemas estruturais e traçar estratégia política de reindustrialização e diversificação da indústria para retomar o desenvolvimento socioeconômico.

Contribuições do trabalho: Este trabalho contribui com o entendimento sobre a situação econômica e como a pandemia aprofundou a crise que já estava em curso, também corrobora para a ideia de um acelerado processo de desindustrialização do município do Rio de Janeiro.

Principais Referências: As principais referências são ligadas aos estudiosos sobre o Rio de Janeiro, como Bruno Sobral, Jorge Natal e Mauro Osório. As fontes de dados formais e oficiais que desenham um quadro econômico do município do Rio de Janeiro. E sobre os principais autores sobre desindustrialização.

Palavras-Chave: Rio de Janeiro; Desindustrialização; Crise; Covid-19; Economia.

¹ Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Política Pública, Estratégia e Desenvolvimento - PPED/UFRJ.

² Doutor em Planejamento Urbano e Regional pelo Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano e Regional - IPPUR/UFRJ. Professor adjunto na Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, campus Nova Iguaçu.

1. Introdução

O Rio de Janeiro é uma cidade conhecida por sua história, belezas naturais e importância econômica. Durante algum tempo, entre o final do século XIX e início do século XX foi a principal cidade do país. Não apenas por ter sido a capital do Brasil, mas por sua dinâmica econômica, sua capacidade produtiva e sua economia diversificada. Desde 1960, a cidade perdeu muito mais do que o "status" de capital do país. Sua economia entrou e continuou em uma grave crise, mais drástica do que a crise que o país estava enfrentando na década de 1980. Sobral (2017) afirma que a cidade iniciou uma "fase de esvaziamento" de sua economia. A recuperação econômica começou nos anos 1990, entre muitos eventos, pode-se apontar: mudanças políticas e econômicas que o país estava passando - abertura comercial, estabilização monetária, políticas neoliberais etc. Nessa mesma década o setor petrolífero começou a ganhar destaque. A participação do petróleo cresceu continuamente até os anos 2000, com o "boom das commodities".

No século XXI, a cidade logrou crescimento econômico, recuperou prestígio e recebeu muita atenção da política nacional. O que configurou grandes investimentos públicos da Petrobras, grandes obras para prestigiar e receber os megaeventos - Copa do Mundo de 2014 e a realização dos Jogos Olímpicos de 2016. A cidade foi beneficiada por investimentos públicos e privados. Criou-se uma atmosfera de otimismo em torno das possibilidades de crescimento econômico. Não apenas na cidade do Rio, mas de todo o estado. Sobral (2009) e Osório (2005), chamaram a atenção para "euforia" e alertaram sobre as bases frágeis de crescimento da economia do Rio. O principal problema, dessa fragilidade econômica, é que a economia estava – e ainda está - centrada na extração de petróleo e em grandes investimentos do governo federal. A base produtiva não foi reforçada e diversificada para resistir a choques e manter o nível de emprego.

O advento da pandemia mundial ocorrida pelo alastramento do Covid-19, que deixou milhões de mortos, acertou em cheio a economia mundial deixando milhões de desempregados e implodindo o PIB mundial, em 2020. O cenário de caos econômico foi notado em todo o mundo, e o setor público foi chamado para socorrer a sociedade. Os efeitos do fechamento da economia – através da proibição da circulação de pessoas – foi amplamente sentido pelos setores produtivos da economia, em especial serviços e indústria. A chamada para a recuperação da crise ecoa em todos os países e todos os lugares. Em alguns países ficou clara a necessidade de capacidades produtivas nacionais mediante a uma crise – como capacidade de produzir respiradores e vacinas. Por isso, o tema sobre desindustrialização voltou a ganhar destaques em países desenvolvidos, mais no sentido de reindustrialização. É claro, que tal assunto possui uma perspectiva macro e o local estará alinhado as estratégias nacionais, esta estratégia focada no crescimento econômico de longo prazo; redução dos impactos de uma crise setorial; e preservação da taxa de emprego.

Nosso objetivo é apresentar um conjunto de dados que mostrem a situação atual da economia do Rio de Janeiro e como a pandemia pode ter acentuando o processo de desindustrialização, conseqüentemente seus efeitos para o desenvolvimento socioeconômico do município. Analisaremos uma série de dados econômico-financeiros. Primeiramente, apresentaremos alguns dados gerais sobre a economia da cidade do Rio de Janeiro, com o objetivo de

caracterizar sua economia. Em seguida, buscaremos dados atuais relacionados a economia e a indústria carioca, e possíveis impactos da Covid-19 sobre a economia da cidade do Rio de Janeiro. Nesse sentido, buscamos responder a seguinte questão: A partir do aprofundamento da crise, com advento da pandemia, como a estrutura produtiva carioca tem sido afetada, no que tange a desindustrialização, e quais as principais implicações desta para o desenvolvimento local? A relevância desse questionamento tem a ver com o contínuo processo de desindustrialização, que pode ter sido acelerado devido a pandemia do Covid-19, ainda que as evidências científicas apontem os efeitos danosos para o desenvolvimento econômico local tal debate tem sido pouco apoiado nas discussões que norteiam a recuperação e estratégia para crescimento econômico do município. Além disso, a cidade do Rio de Janeiro se apresenta como exemplo emblemático do processo de desindustrialização e crise no cenário nacional.

2. Desindustrialização

A indústria sempre esteve atrelada ao desenvolvimento econômico, desde a Revolução Industrial, no século XVIII. Na década de 1990 aprofundou-se os estudos sobre a diminuição do setor industrial em uma economia. O trabalho marcante de Rowthorn e Ramaswamy (1999) apresentaram pela primeira vez o conceito de “desindustrialização”, que seria a redução persistente do emprego industrial no emprego total de um país. Posteriormente, Tregenna (2009) menciona uma redefinição do termo, passando para uma forma mais ampla, sendo o emprego industrial e o valor adicionado da indústria na redução do emprego total e do PIB, respectivamente. Nesse conceito ampliado de desindustrialização, é possível observar que mesmo com o relevante crescimento da produção industrial tal fenômeno poderia ocorrer. NASSIF (2006), explica que esse termo não está necessariamente associado a um fenômeno negativo, mas pode ser considerado como um processo natural do sistema capitalista. Para Oreiro (2010) a desindustrialização não estaria necessariamente associada a uma reprimarização da pauta de exportação. Poderia, por exemplo vir acompanhada de aumento em segmentos tecnológicos ligados ao setor de serviços. No entanto, se houver aumento da importância do setor agropecuário, sem aumento dos setores tecnológicos a desindustrialização pode ser entendida como negativa. A reversão da pauta exportadora na direção de commodities, ou com baixo conteúdo tecnológico seria do tipo Doença Holandesa. Que é causada pela apreciação real da taxa de câmbio pela descoberta de recursos naturais

Desindustrialização Precoce

Outros fatores podem colaborar para que haja a desindustrialização. Segundo DIEESE (2011) Pode-se citar a questão da prática de elevadas taxas de juros, o que contribuiria para a volumosa entrada de divisas no país, dinheiro em busca de valorização rápida e segura, condição que o Brasil oferece. Nesse ponto, há um rompimento com essa lógica, no Brasil, principalmente, a partir de 2020. Outra questão que tem sido colocada em discussão no país são os recursos destinados à Pesquisa e Desenvolvimento (P&D) nas indústrias brasileiras que são bem inferiores à média internacional, o investimento nesse segmento ficou em torno de 1,26% do PIB em 2018, enquanto os EUA 2,84, Alemanha 3,09%, Japão 3,26 e a Coreia do Sul 4,81%, de acordo com dados do Banco Mundial.

Squeff (2012) relata que a diminuição da formação bruta de capital fixo impacta na indústria de transformação. O investimento em máquinas e equipamentos é uma atividade tipicamente manufatureira, embora os demais setores da economia, como a agropecuária, também

dependem deste tipo de produto no processo de produção. Nassif (2006) discorre sobre a questão do investimento na indústria.

Segundo Nassif (2006) os setores com tecnologia intensiva, voltados para os recursos naturais, tiveram o maior aumento na participação dos investimentos realizados pela indústria, principalmente no que se refere à extração e refino de petróleo. O autor relata que os recursos naturais também foram os que mais avançaram na participação no total do valor adicionado industrial. O autor relata que houve queda da participação dos setores com tecnologia intensiva em trabalho no valor adicionado que refletiu na retração da participação dos investimentos realizados nesses setores em relação ao total das aquisições de ativos fixos da indústria. Dessa maneira é preciso ressaltar que, ao longo dos anos 1990, as taxas de investimento bruto no Brasil continuaram baixas, e não voltaram aos níveis médios da década de 1980. Tais resultados, mesmo com taxas de variação positivas da produtividade observadas na primeira metade dos anos 1990 não tiveram continuidade na segunda metade desta mesma década, podem ter contribuído para a diminuição de participação do setor industrial no PIB brasileiro.

Historicamente, os países desenvolvidos teriam passado por forte processo de desindustrialização a partir da década de 1970, enquanto os países latino-americanos experimentaram esse fenômeno a partir da década de 1990, com as políticas neoliberais. A desindustrialização pode ocorrer mesmo com o crescimento da produção física da indústria.

Hikatura e Sartir (2017) destacam uma outra interpretação sobre desindustrialização. Os autores fizeram uma avaliação por outra ótica, mais ampla sobre os atores que compõem o mercado internacional. Seria impossível pensar em desindustrialização sem a participação da China, e sua atuação como fábrica do mundo. As dinâmicas internacionais são essenciais para entender todo processo de desindustrialização brasileira. A tabela que segue resume as diferentes interpretações da desindustrialização.

Tabela 1: Diferentes correntes teóricas sobre desindustrialização

1º Grupo	Tradicional do Mainstream	Especialização setorial não influencia no crescimento econômico	Bonelli (2013) a participação da indústria foi ajustada, porque era muito superior ao nível internacional.
2º Grupo	Visão kaldoriana do crescimento e da especialização produtiva.	O crescimento industrial deveria ser privilegiado. Focam em análises com variáveis macroeconômicas, em especial a taxa de câmbio. (Novo-desenvolvimentista	Bresser-Pereira (2012) Uma taxa de câmbio apreciada por um longo período seria a redução da produtividade geral da economia.
3º Grupo	Ideias kaldorianas + estruturalismo + neoschumpeterianismo	Existem padrões de mudança técnica que também dependem das trajetórias tecnológicas.	Morceiro(2012), tendência de desadensamento produtivo industrial, que comprometeria a capacidade de gerar dinamismo.
4º Grupo	Literatura neoschumpeteriana, em especial o Sistema Nacional de Inovação (SNI) e o estruturalismo latino-americano	Literatura neoschumpeteriana, em especial o Sistema Nacional de Inovação (SNI) e o estruturalismo latino-americano	Analisar de maneira mais aprofundada as mutações na estrutura produtiva e tecnológica mundial, para buscar entender de que forma a estrutura produtiva doméstica interage com essas transformações

Fonte: Elaboração própria a partir de Hikatura e Sartir (2017)

O Grupo 1 é o mainstream que iniciou os debates sobre o tema, criou o conceito clássico. Enquanto, o Grupo 2 tem enfoque em variáveis mais macroeconômicas, como a taxa de câmbio. Pois, com uma moeda valorizada seria inviável a existência de indústrias competitivas que utilizam tecnologias, além da importância da demanda externa. O Grupo 3 é composto por trabalhos que se preocupam com o desadensamento das cadeias produtivas, ou seja, a perda de um segmento industrial está conectada, direta e indiretamente, com diversos segmentos produtivos por meio das relações de compras e vendas de matérias-primas, partes, peças, acessórios, componentes e tecnologias. O último grupo diz respeito à reorganização das estratégias globais da atividade produtiva por parte das Multinacionais e como isso afeta as possibilidades de desenvolvimento industrial. Está associada ao surgimento da China como grande fornecedora mundial de produtos manufaturados e a continuidade da concentração no domínio de conhecimento tecnológico por parte das grandes Multinacionais. Também ao recente lançamento de políticas ativas por parte de diversos países para recuperar sua atividade industrial e fomentar a inovação em novas áreas e setores econômicos.

No que concerne ao Rio de Janeiro, Sobral (2017), destaca a evidência da estrutura produtiva oca, ou seja, a econômica fluminense tem sofrido um desadensamento de sua cadeia produtiva. Em especial, a economia da cidade do Rio de Janeiro que se apresenta como a maior do estado, com longa histórico de industrialização e diversificação. No entanto, tem perdido competitividade em vários setores, mesmo em anos de crescimento econômico vistos no século XXI. Isso, porque, sua economia desde a década de 1990 tem sido cada vez mais pautada na extração petrolífera, compondo o PIB e deixando a impressão de uma “inflexão positiva”, como indicou Natal (2004). Sobral (2017) critica relatando a falta de articulação da econômica no Rio o que tem levado ao esgarçamento do tecido produtivo e esvaziamento.

O processo de desindustrialização é um fenômeno nacional, no entanto o Rio de Janeiro (estado e município) tem sido mais duramente impactado. Dentre os motivos estão a falta de diagnóstico do problema; alternativas que não tem suporte, como o foco no setor de Turismo afim de resolver a economia carioca; um grande foco no setor petrolífero; falta de articulação política, desde um plano nacional até o recorte local. Essas afirmações podem ser observadas através dos dados que serão apresentados nas seções seguintes.

3. Métodos de Pesquisa

Analizamos uma série de dados econômicos oficiais para caracterizar a econômica carioca. Na primeira parte, verificamos alguns dados do período anterior a pandemia do Covid-19, que compreendem o período entre 2017 e 2019. Posteriormente, buscamos dados disponíveis referentes ao ano de 2020 para verificar os possíveis impactos da pandemia na economia carioca.

Dentre os principais dados utilizados nesta pesquisa são do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE); dados da Prefeitura do Rio de Janeiro; e outros: sobre emprego os dados da Relação Anual de Informações Sociais (RAIS) para setores, idade e salário médio; usamos dados de uma instituição privada - Federação das Indústrias do Estado do Rio de Janeiro (FIRJAN) - que fornecem informações importantes da indústria; dados do comércio internacional com o Sistema Integrado de Comércio Exterior (SISCOMEX); e outros dados oficiais, como receita tributária da Secretaria de Fazenda do RJ; dados da aviação comercial

registrado pela Agência Nacional de Aviação Civil (ANAC); imagem referente aos produtos exportados pela cidade do Rio, disponíveis no site Data Viva. Este conjunto de dados fornece um ótimo quadro da economia do Rio e o desafio para sua recuperação. A Tabela 2 é um resumo dos dados utilizados nas seções que seguem.

Tabela 2: Fontes de dados, descrição e endereço eletrônico, utilizados neste trabalho

Fonte dos Dados	Descrição	Site
IBGE	Informações econômicas gerais; Inflação; quantidade de indústrias.	https://www.ibge.gov.br https://sidra.ibge.gov.br
FIRJAN	Produção industrial; emprego industrial;	https://www.firjan.com.br
SISCOMEX	Comércio Internacional (exportação e importação)	http://siscomex.gov.br
DATA VIVA	Produtos exportados com vantagem competitiva	http://dataviva.info/pt/
RAIS	Emprego e renda (média salarial)	https://bi.mte.gov.br/bgcaged
Prefeitura do Rio	Despesas e Orçamento	https://prefeitura.rio
ANAC	Passageiros por destino (UF)	https://www.anac.gov.br/home
SEFAZ/RJ	Arrecadação de ICMS	http://www.fazenda.rj.gov.br/sefaz/

Fonte: Elaboração Própria

No que diz respeito à finalidade, essa pesquisa é aplicada, com abordagem quantitativa. Seu objetivo é descritivo, pois através da descrição e análise dos dados busca responder o problema de pesquisa. Para isso é necessário levantamento bibliográfico e coleta de dados. As fontes bibliográficas são livros, periódicos, sites oficiais e obras de referência sobre tema deste trabalho.

4. Caracterização da Economia carioca

Esta seção tem por objetivo caracterizar a economia carioca através de dados sobre PIB, orçamento, dívida, emprego e renda, Balança Comercial e Turismo. O município do Rio de Janeiro possui, segundo o último censo do IBGE, um total de 6.718.903 habitantes (projeção do IBGE para 2019), com uma densidade demográfica de 5.265,82 habitantes/km². A cidade do Rio figura entre as principais em população, tamanho, economia, turismo e importância, ficando atrás apenas de São Paulo. Em 2017 contribuiu com 5,13% do PIB nacional. Rio de Janeiro ocupa a 45^a posição entre os 5.565 municípios brasileiros segundo o IDHM. Nesse ranking, o maior IDHM é 0,862 (São Caetano do Sul) e o menor é 0,418 (Melgaço). O PIB per capita do município do Rio de Janeiro é da ordem de R\$ 51.776,18 (2017), enquanto o IDH (Índice de Desenvolvimento Humano) é de 0,799, o que situa o município na faixa de desenvolvimento alto. A dimensão que mais contribui para o alto IDH carioca é a longevidade, seguido pela renda e por último, a educação.

1.1. Orçamento e dívida

A cidade do Rio de Janeiro pode ser considerada a segunda mais importante do Brasil, figurando entre as principais da América Latina, sua inserção no cenário internacional é notória. Em 2017 em um ranking das cidades com as maiores economias do país, ficou apenas

atrás de São Paulo, sua participação no PIB brasileiro é por volta de 5%. Por esse motivo, cabe destacar o tamanho de seu orçamento anual, que fica em torno dos R\$ 30 bilhões, como apresenta o Gráfico 1.

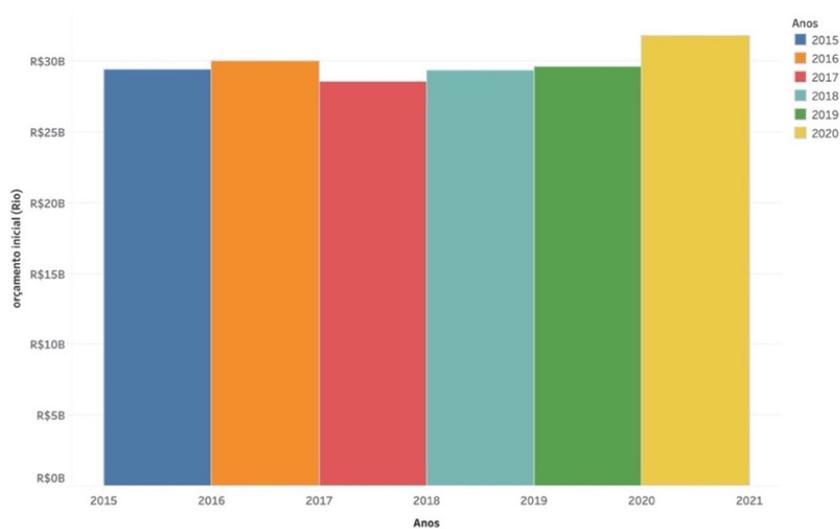


Gráfico 1: Orçamento inicial anual do Rio de Janeiro, anos (valor nominal)
Fonte: Elaboração própria, a partir dos dados da prefeitura do Rio de Janeiro

O ano de 2020 se apresenta com vários desafios para o município, além de toda a complexidade de uma grande cidade, a pandemia causada pelo Covid-19 e seus impactos apresentam maior dificuldade para o município, principalmente no setor da saúde. E isso implicou em administrar a crise da saúde e a crise econômica, mesmo com um orçamento interessante, as necessidades da sociedade se ampliaram. Cabe destacar o histórico de dívidas do município que acaba ocupando uma grande fatia do orçamento municipal.



Gráfico 2: Porcentagem do Valor pago por órgão até maio de 2020

Fonte: Elaboração própria, a partir dos dados da prefeitura do Rio de Janeiro

O Gráfico 2 apresenta a participação dos órgãos dentro do orçamento municipal, até a atualização de 19 de maio de 2020. A saúde que é um dos pontos críticos para a economia, nesse momento, aparece na 4ª posição em termos de “valor pago”. Os encargos passam a assumir maior fatia do orçamento municipal do que a educação. Os valores pagos de 2020 seguem uma tendência parecida com os anos de 2018 e 2019, isso significa certa rigidez na estrutura orçamentária. Também é verificado o crescimento da participação dos encargos gerais, nas obrigações municipais.

Outro problema é a preocupação com dívida municipal do Rio de Janeiro é algo que vem sendo debatido há algum tempo. Em 2017 a FGV fez uma publicação sobre os desafios econômico-financeiros do Rio de Janeiro. Esse estudo já indicava a queda acentuada da economia nacional e do estado do RJ. A crise gerada a partir da pandemia do Covid-19 pode ser interpretada como uma crise dentro de outra crise, devido a NÃO superação dos problemas anteriores. Em 2017 as contas do município foram abertas e apresentavam um saldo negativo de R\$320 milhões relativos a déficits de anos anteriores. O fechamento do ano de 2016 afetava várias áreas da administração municipal. Mas o principal desafio para o município são as dívidas de longo prazo, de empréstimos tomados referentes as Olimpíadas de 2016. A FGV apresentou a dívida por anos, no artigo “Rio em Perspectiva”.

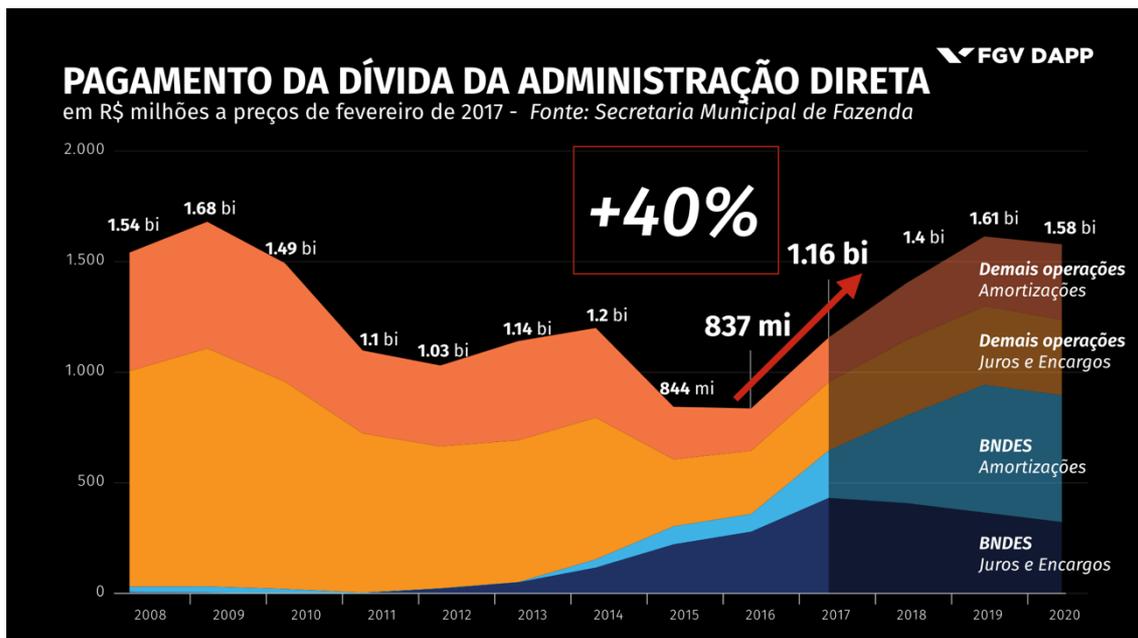


Figura 1: Pagamento da dívida do município do Rio de Janeiro, vários anos.
Fonte: FGV

Na Figura 1 é apresentado a tendência de crescimento da dívida, inclusive relativas a empréstimos junto aos BNDES relacionadas às obras das Olimpíadas e do BRT. De 2016 para 2017 o aumento da dívida foi de 40%, segundo a FGV quase 56% correspondem a contratos firmados entre a prefeitura e o BNDES, em especial as despesas com os BRTs, um montante de R\$ 647 milhões.

1.2. Balança Comercial e setor externo

O desempenho do município do Rio de Janeiro no comércio internacional foi positivo no período, dois pontos são relevantes: o primeiro tem a ver com a composição da pauta exportadora, que ao passar do tempo foi sendo amplamente composta por petróleo cru, produto de preço variável, conforme o mercado internacional; o segundo ponto é referente ao estado apático da economia carioca e fluminense, a baixa nas importações também indica essa dinâmica morosa, no período anterior – antes dos Jogos Olímpicos de 2016 - quando a cidade e o estado receberam grandes investimentos, o saldo da BC se apresentava desfavorável, ou seja, o volume de importações era maior, o que pode indicar a dinâmica de crescimento daquele período. A BC da cidade do Rio de Janeiro obteve saldos positivos ao longo dos três anos observados (2017-2019). O saldo positivo foi de US\$2,3 bilhões em 2017, US\$ 4,2 bilhões em 2018 e US\$ 1,8 bilhões em 2019.

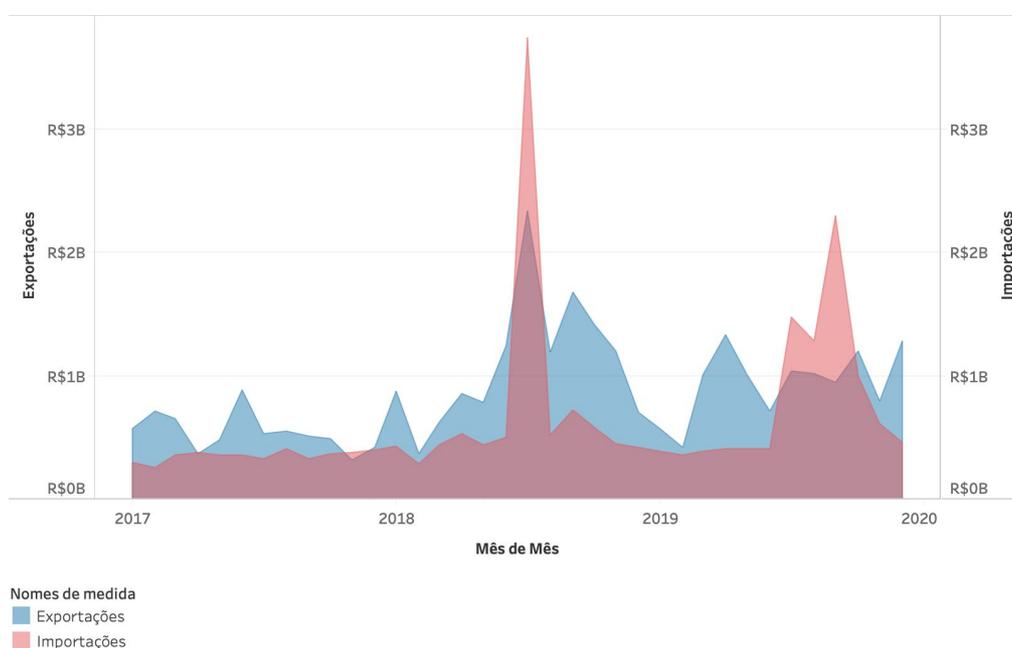


Gráfico 3: Balança Comercial da cidade do Rio de Janeiro, meses de 2017 - 2019

Fonte: Elaboração própria, a partir dos dados do SISCOMEX.

Abaixo é apresentado a especialização da pauta exportadora do Rio de Janeiro. A dependência cada vez maior da dinâmica do mercado petrolífero pode representar limitações econômicas, no longo prazo.



Figura 2: Produtos exportados 2020

Fonte: Elaboração própria, a partir dos dados do SISCOMEX

A indústria extrativa gera poucos empregos e não deu continuidade ao processo de evolução na cadeia produtiva com a conclusão do COMPERJ³, o que levaria ao crescimento de empregos e desenvolvimento econômico regional.

Não é novidade que o setor de Petróleo e Gás cresce a cada ano sua importância na economia do estado e do município. O estado do RJ produz mais de 77% do petróleo nacional e quase 64% do gás natural. Além do impacto no positivo no PIB, os royalties do petróleo também são importante fonte de renda. No entanto, esse setor tem algumas características peculiares, a primeira é que emprega pouca mão de obra (altamente qualificada), mesmo que o salário médio seja alto a quantidade de empregos que é gerada é pequena. Em segundo lugar, a demanda e o preço desse produto são determinados pelo mercado internacional, ainda que a produção e produtividade cresçam, a volatilidade desse mercado é grande. Ter o setor petrolífero como âncora econômica significa ter uma maior volatilidade econômica, em relação a uma economia diversificada. No entanto, esse setor é de grande relevância, pois a partir dele temos uma importante fonte de receita, os *Royalties*. Em 2019 os royalties do petróleo contribuíram com pouco mais de 17% do orçamento do município do Rio de Janeiro. A principal característica dessa receita é que ela não é vinculada a despesa, assim, a gestão tem liberdade para utilizá-la. Nesse período, não foi observado grandes Investimentos externos no município. E embora as exportações tenham sido positivas, não foi percebido aumento no valor agregado das exportações. A inserção e influência no cenário internacional se apresenta menos relevante do que no período anterior, com as Olimpíadas do Rio, 2016.

1.3. Emprego e Renda

De acordo com o IBGE, em 2017, o salário médio mensal era de 4,1 salários-mínimos. A proporção de pessoas ocupadas em relação à população total era de 39.4%. Na comparação com os outros municípios do estado, ocupava as posições 2 de 92 e 4 de 92, respectivamente.

³ Complexo Petroquímico do Rio de Janeiro

Já na comparação com cidades do país todo, ficava na posição 25 de 5570 e 178 de 5570, respectivamente. Considerando domicílios com rendimentos mensais de até meio salário-mínimo por pessoa, tinha 31.4% da população nessas condições, o que o colocava na posição 82 de 92 dentre as cidades do estado e na posição 4417 de 5570 dentre as cidades do Brasil. De acordo com os dados da Relação Anual de Informações Sociais (RAIS) ocorreu uma pequena redução na quantidade de empregos entre 2017 e 2018, com recuperação em 2019.

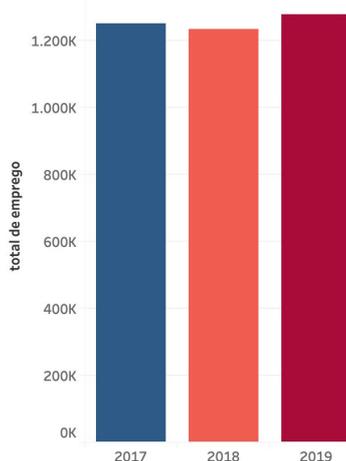


Gráfico 4: Quantidade de empregos geral, na cidade do Rio de Janeiro, 2017-2019.

Fonte: Elaboração própria, a partir dos dados da RAIS.

Para saber se houve aumento na renda média carioca foi analisado o salário médio dos anos 2017, 2018 e 2019. Para captar melhor as mudanças anuais foram descontadas a inflação do ano anterior. O indicador de inflação utilizado é o IPCA⁴ nacional, que foi de 2,95% em 2017 e 3,75% em 2018. Dessa forma, no ano de 2018 foi descontada a inflação de 2017 e no ano de 2019 foi descontada a inflação de 2018. A partir dessas informações foram colhidos o salário real médio do município e o salário real médio, por setores, da cidade do Rio de Janeiro, apresentam-se os seguintes gráficos.



Gráfico 5: Média salarial geral da cidade do Rio de Janeiro, descontada o IPCA (2017-2019)

Fonte: Elaboração própria, a partir dos dados da RAIS.

Os dados do Gráfico 5 apresentam sutil queda de 2017 para 2018 no salário real médio da cidade do Rio de Janeiro, enquanto o ano de 2019 obteve ganhos reais no salário médio do

⁴ Índice de Preço ao Consumidor Amplo – IPCA tem por objetivo medir a inflação de um conjunto de produtos e serviços comercializados no varejo, referentes ao consumo pessoal das famílias, sua estatística é proveniente do IBGE.

município. No geral, seria possível afirmar que houve ganhos na renda. No entanto, é necessário analisar o comportamento de cada setor. No Gráfico 6 é verificada emprego por setores.

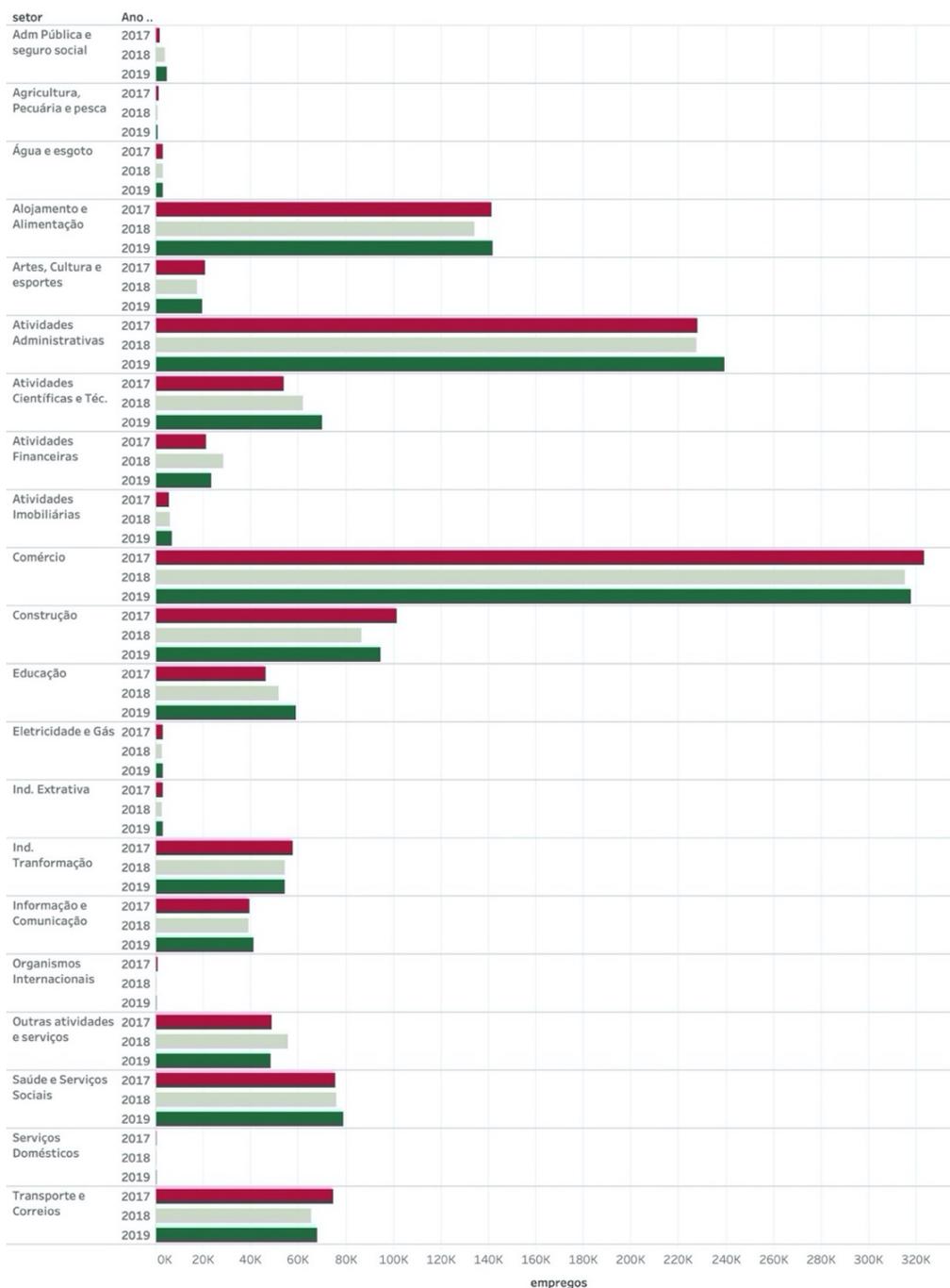


Gráfico 6: Quantidade de empregos por setor, na cidade do Rio de Janeiro, 2017-2019

Fonte: Elaboração própria, a partir dos dados da RAIS

Ocorreu crescimento de empregos nos seguintes setores: Administração Pública; Atividades Administrativas; Atividades profissionais, científicas e técnicas; Educação; Informação e Comunicação; e Saúde. Enquanto isso, dentre os setores que diminuiriam a quantidade de

empregos estão: Artes, Cultura e esportes; Construção; Indústria de Transformação; Outras Atividades e Serviços; e Correio e Transportes.

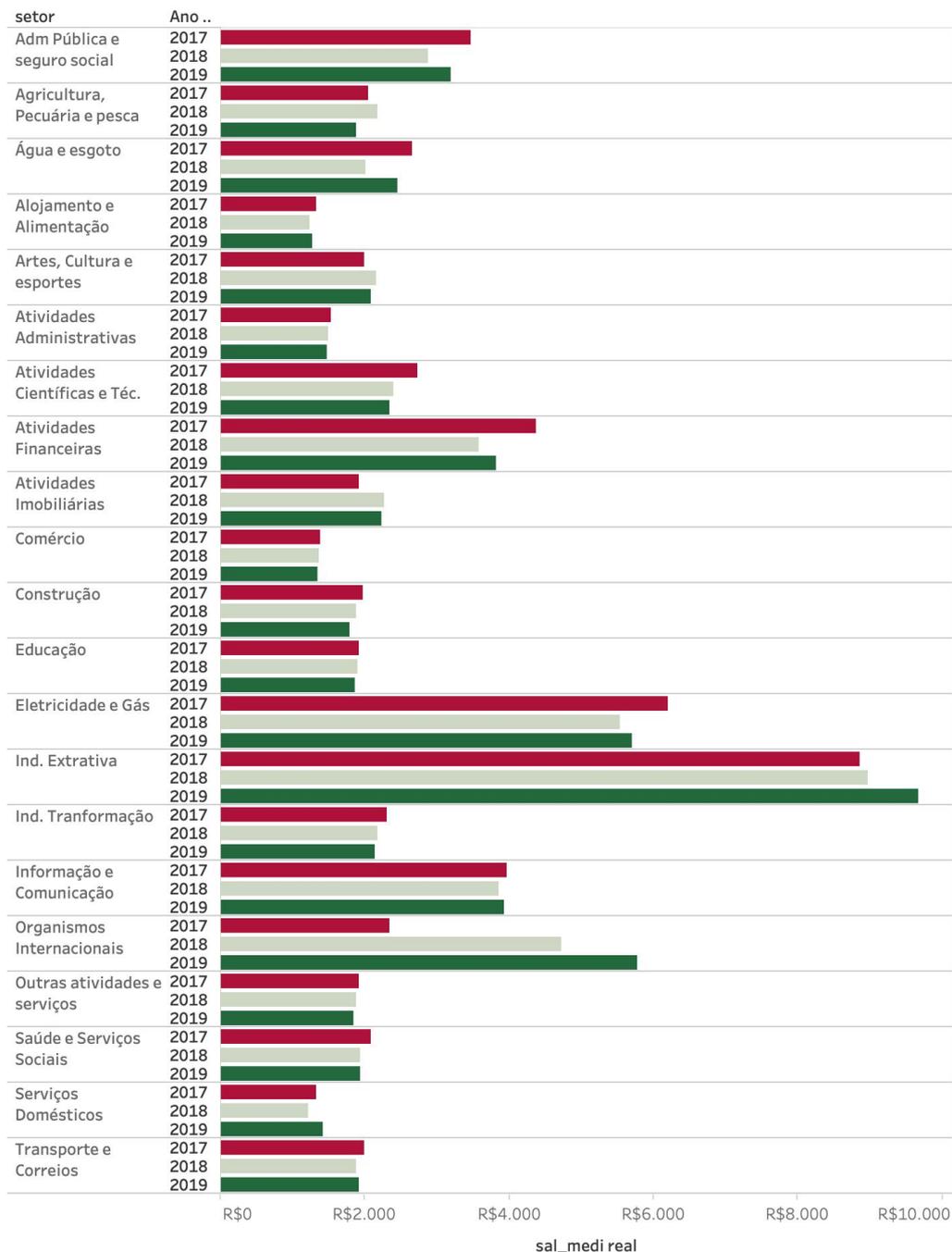


Gráfico 7: Média salarial por setores, da cidade do Rio, descontada o IPCA (2017-2019)

Fonte: Elaboração própria, a partir dos dados da RAIS.

O Gráfico 7 apresenta o salário real médio, por setores de atividade, para os anos de 2017 a 2019. Verificou-se que em apenas dois setores ocorreu aumento real em todos os anos: indústria extrativa e Organismos internacionais. Ambos os setores possuem médias salariais altas, o que pode ter influenciado na média geral dos salários. Cabe ressaltar também que são setores que empregam apenas 0,25% do total de empregos, o que representa uma parcela

muito pequena do total de trabalhadores. Em alguns setores ocorreu aumento no ano de 2018 e manteve uma média maior que 2017, que é o primeiro ano da análise, como: arte, cultura e esportes; e atividades imobiliárias. O gráfico apresenta, para maioria dos setores uma perda no salário real médio, isso significa perda de renda para a população. Os dados apresentados nesta seção apresentam um panorama geral da economia carioca. Em relação a seu orçamento, dívida, emprego e renda.

1.4. Turismo

O Turismo carioca sempre foi notável, por suas belezas naturais e por seus elementos históricos e culturais. É um setor que recebe atenção tanto da prefeitura do município, quanto do estado. O empenho no setor de Turismo também pode ser verificado nos empregos formais, no Gráfico 8.

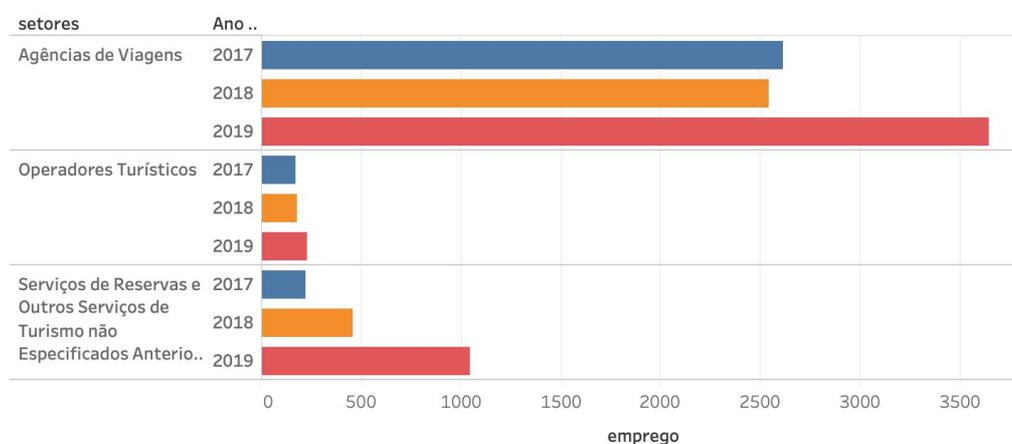


Gráfico 8: Emprego nos setores de Turismo, no município do Rio de Janeiro, 2017-2019
Fonte: Elaboração própria, a partir dos dados da RAIS.

Ocorreu crescimento dos empregos nos setores ligados ao Turismo, de 2017 a 2019. No entanto, é difícil captar esse impacto no PIB municipal, por três motivos: o primeiro é que os dados de PIB municipal possuem um atraso, o que significa que a última referência de PIB do município do Rio de Janeiro é de 2017; outro ponto é que no PIB municipal não tem como dissociar o setor de Turismo de Serviços, visto que este é um subsetor; em terceiro, existe uma parcela de pessoas que oferecem serviços e vendem produtos de maneira informal. Quanto a mão de obra formal empregada no setor no ano de 2019 representou apenas 0,39% de todo emprego do município e representa 0,44% em todo o setor de Serviços.

Para observar outra dimensão do Turismo, buscamos os dados da ANAC e dados sobre passageiros que chegam em cada estado, lembrando que os principais aeroportos do estado do RJ estão na cidade do Rio de Janeiro. Para facilitar a visualização selecionamos os quatro estados que mais recebem passageiros.

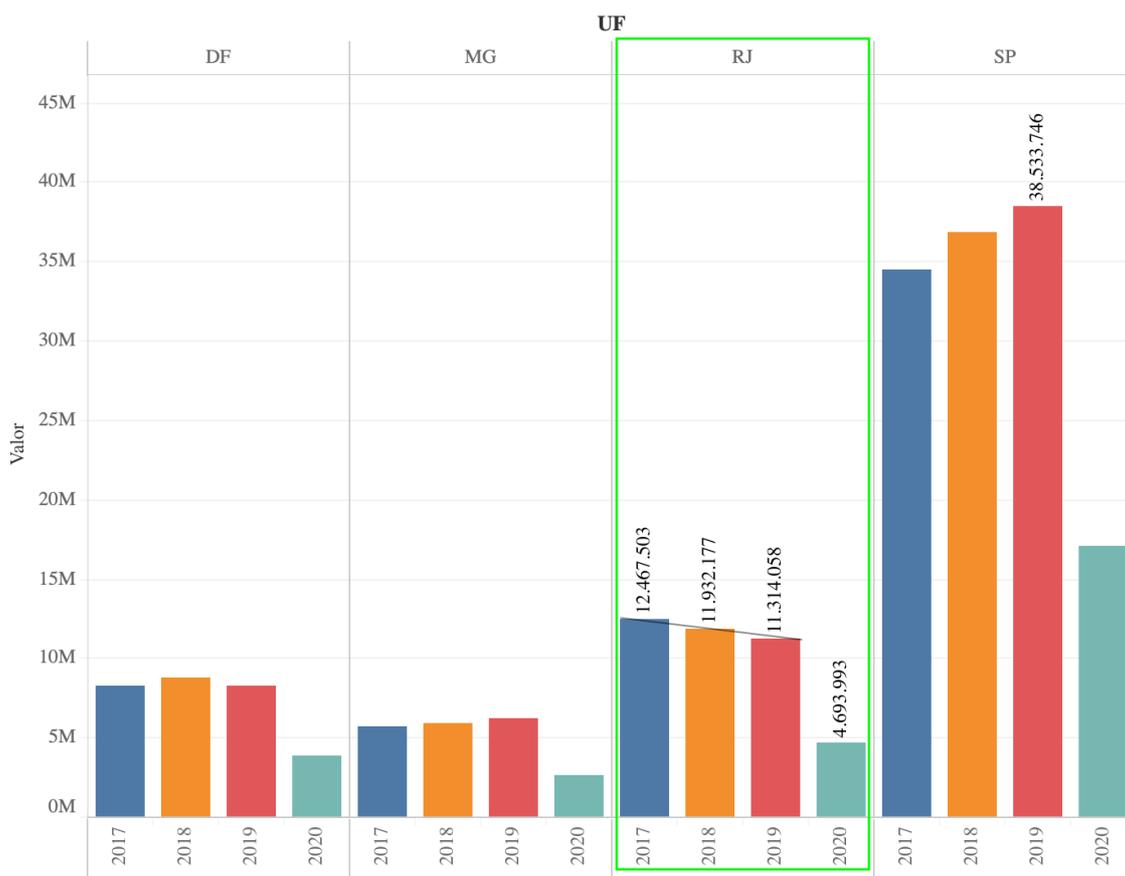


Gráfico 10: Passageiros por destino de estados, 2017-2020.

Fonte: Elaboração própria, a partir dos dados da ANAC.

O ano de 2020 evidencia o impacto da pandemia no setor de aviação comercial, em todos os estados. No entanto, é possível notar a tendência de queda os A queda do número total de passageiros com destino ao Rio caiu 9,25% entre 2017 e 2019. Enquanto no estado de SP, para o mesmo período o número de passageiros cresceu quase 12% chegando ao pico em 2019. É sabido que esses números não representam apenas o Turismo, na verdade, em escala muito maior estão os voos com objetivos profissionais e não a lazer. Mesmo assim, é um indicador de queda na procura pela cidade e estado, de maneira geral. A queda é expressiva, pode ser relativizada pela dinâmica de baixo crescimento nacional, mas ao comparar com o crescimento de SP dá um sinal de alerta para o Rio. Essa seção buscou dados para caracterizar a economia da cidade do Rio de Janeiro.

Um mal-entendido tem a ver com "salvar a economia" através do setor turístico. A cidade do Rio é conhecida internacionalmente por suas belezas naturais, monumentos históricos, cultura, esporte, etc. Embora, a verdade é que o setor turístico não será capaz de alavancar a economia da cidade após a pandemia. Por várias razões, a primeira é que este setor tem pouco emprego formal, 5% do total. Outra razão é que este setor foi um dos mais afetados pela pandemia (Covid-19), tanto no início, com o fechamento de lugares, como no reinício das viagens internacionais, por exemplo. Embora o setor tenha sua importância cultural, seu peso econômico é menor do que se imagina.

Na seção seguinte continuamos utilizando dados, mas com o objetivo de averiguar impactos da crise na indústria e alguns dados disponível para o ano de 2020.

5. Crise: Indústria e Pandemia

A importância da indústria já é amplamente conhecida. Seus encadeamentos com outros setores, a acumulação de conhecimento produtivo, capacidade de gerar inovações, gera mais empregos, provê maiores salários médios e tem potencial de arrecadação. Além disso, a pandemia e o cenário que foi desenhado no ano de 2020 provou que possuir conhecimento produtivo é extremamente importante – visto a corrida para produção de ventiladores respiratórios – países como Austrália, França e até a Inglaterra já discutem estratégias de reindustrialização. Enquanto tal diagnóstico fica limitado a um grupo de pesquisadores⁵. Devido a ascensão das commodities a indústria vem perdendo força e, atualmente, esse processo pode ser aprofundado. Cabe destacar, que estão em debate pelo mundo assuntos, como: indústria 4.0; cidades inteligentes, cidades inovativas; cidades sustentáveis etc. que envolvem inovação, conhecimento e uma estrutura produtiva capaz de fomentar tudo isso.

1.1. Desindustrialização da cidade do Rio de Janeiro

A formação da estrutura produtiva do estado do RJ é singular e é extremamente concentrada na região metropolitana, em especial na cidade do Rio de Janeiro. O histórico do RJ é de perda na indústria de transformação, amortizadas, em termos de PIB, pelo crescimento da extração de petróleo. Com o advento da pandemia essas perdas estão sendo aceleradas. Os dados disponíveis pela FIRJAN apresentam o recorte estadual, embora dê uma boa dimensão das tendências da cidade do Rio de Janeiro.

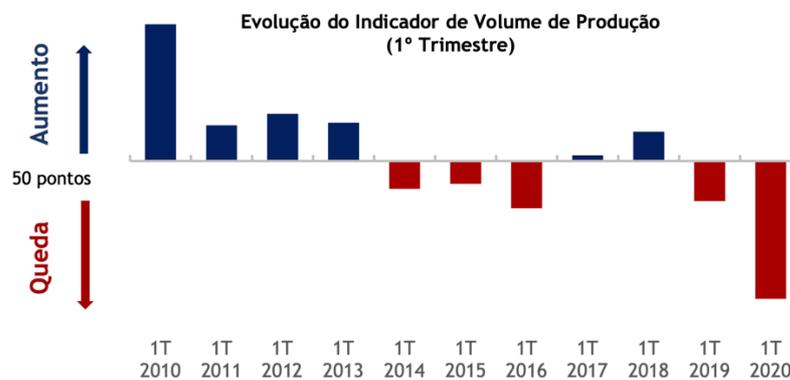


Figura 3: Estado do Rio de Janeiro, produção da indústria, por trimestre (2010-2020)
Fonte: FIRJAN.

A FIRJAN destacou a perda de emprego industrial no estado, cerca de 20 mil até abril de 2020. No estado houve certa recuperação e criação de empregos nos últimos meses do ano, mas fechou o ano com saldo negativo.

Antes mesmo da pandemia era possível perceber nos dados do município do Rio, que a situação já era negativa com perdas na quantidade de empresas e organizações da indústria de transformação, ao longo dos anos. Enquanto o setor extrativo permaneceu relativamente estável, como pode ser visto no Gráfico 11.

⁵ Paulo Gala (2017); Carvalho e Bresser-Pereira (2010); Sobral (2017)

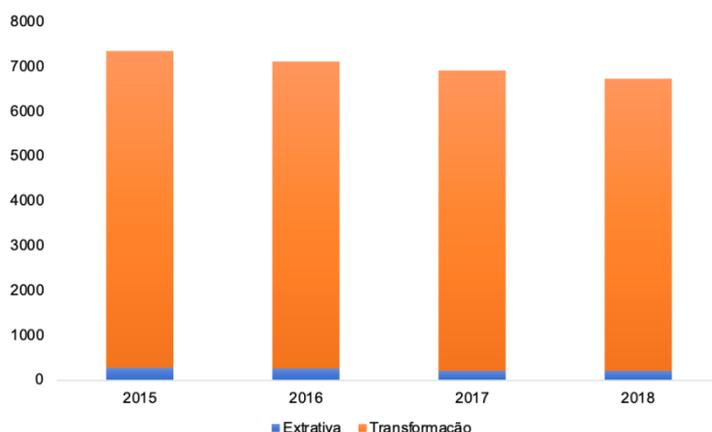


Gráfico 11: Quantidade de indústrias e organizações, 2015 - 2018
Fonte: Elaboração própria com dados do IBGE (SIDRA)

A reprimarização da pauta exportadora, não apenas do município do Rio de Janeiro, mas do estado e do país, já vem sendo discutida entre os pesquisadores há algum tempo. A maior preocupação dos pesquisadores sobre desenvolvimento econômico é como a exportação de petróleo, e os *Royalties* deste, tem se tornado uma muleta de recursos para o estado e município, e como no médio ou longo prazo pode se tornar um problema, se não houver o comprometimento com estratégias em atividades inovadoras.

A figura que segue foi retirada da Plataforma Data Viva e apresenta a cidade do Rio de Janeiro em dois anos diferentes, dentro de um horizonte de 17 anos. As esferas são produtos exportados, as diferentes cores representam diferentes setores produtivos, enquanto o tamanho dessas esferas é o valor da exportação em dólares, o mais importante dessa imagem é que só aparecem os setores que possuem vantagem competitiva⁶.

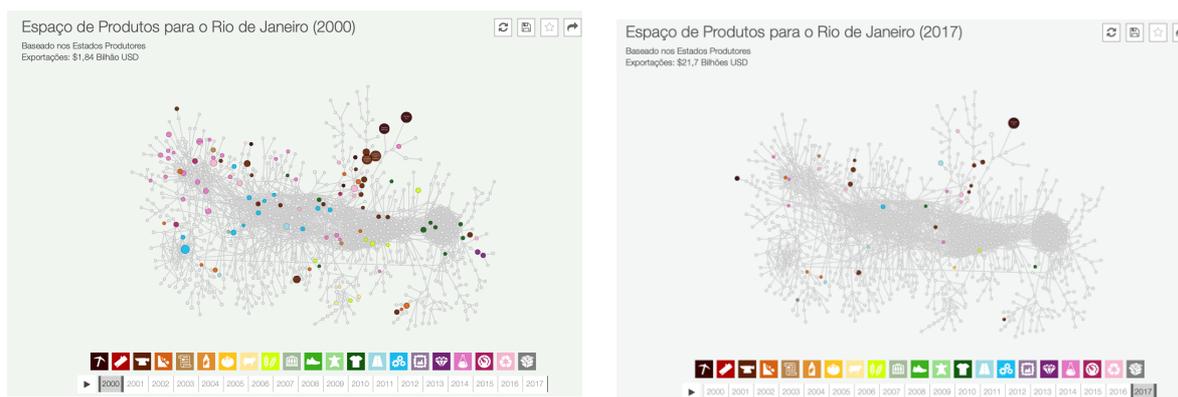


Figura 4: Rede de produtos exportados pelo município do Rio de Janeiro (2000 e 2017)
Fonte: Data Viva

A Figura 4 evidencia a redução de diversidade de produtos exportados que a cidade possui vantagem competitiva. Enquanto na imagem à esquerda é possível visualizar vários setores de diferentes cores – principalmente: rosa, segmento químico, azul, segmento de máquinas e transportes, e o segmento marrom, segmentos da metalurgia e petróleo. Já a imagem à direita aparece um “esvaziamento” produtivo do município. O destaque é o setor petrolífero, a esfera

⁶ Para mais detalhes metodológicos acesse: <http://dataviva.info/pt/>

marro, de maior tamanho. Isso pode ser uma indicação de primarização da pauta exportadora, ou seja, cada vez mais o município fica dependente das exportações de petróleo.

Em suma, podemos destacar que entre 2015 e 2018, os dados do IBGE mostraram uma perda de 15% do número de manufaturados na cidade. (Sem contar o setor extrativista). O grande problema da indústria carioca, assim como toda a indústria fluminense, é a perda dos setores que produzem mais tecnologias, a capacidade de inovação, e até mesmo a dinâmica de transbordamento em outros setores. Em outras palavras, também podemos dizer que isso tem sido uma perda de complexidade econômica. Isto significa que a cidade do Rio produz e exporta produtos menos sofisticados. E esta tendência só piora. Isto se torna visível quando observamos a dimensão que o setor petrolífero tem na balança comercial - mais de 70% em 2020. Sobre o setor petrolífero, há muita expectativa sobre os valores recebidos dos royalties, no entanto, este é limitado. O maior perigo é o *lock-in* tecnológico, ou seja, especialização em poucos setores, o que torna a economia da cidade muito mais frágil e com problemas na geração de empregos.

1.2. *Efeitos da Pandemia do Covid-19 sobre a economia do Rio*

O ano de 2020 será histórico para a humanidade. A grande diferença do Covid-19 para as pandemias anteriores é que em 2020 o mundo encontrava-se comercial e financeiramente globalizados, ou seja, a interligação econômico-financeira é, de longe, a maior da história humana. Essa conectividade das economias fomenta vários debates econômicos, desde a autonomia produtiva, saúde pública até direitos e liberdades essenciais. No entanto observamos alguns dos principais desafios econômicos para o Rio de Janeiro, que já vem, paulatinamente, sofrendo com perdas em sua economia, desde a crise que se iniciou em 2015 no país.

1.2.1. *Inflação e emprego*

Algumas projeções apresentavam queda drástica no PIB brasileiro, assim como uma inflação abaixo da banda inferior. O Banco Central projeta uma inflação de 1,97% para 2020, a meta inflacionária para esse ano seria de 4%, com banda mínima de 2,5%. Uma queda acentuada da inflação é um indicador tão ruim quanto uma alta taxa de inflação. Isso se deve as expectativas de preço dos consumidores, se a queda da taxa de inflação é constante cria-se a expectativa de que o preço pode baixar mais, o que implica na retração do consumo, conseqüentemente, queda no PIB.

No início da Pandemia do Covid-19 novos elementos foram percebidos em termos inflacionários. Embora tenha ocorrido queda da inflação geral, até abril de 2020, os setores se comportam de maneira distinta. Isso significa que a estratégia de política pública deverá entender a realidade e necessidade de cada setor. No entanto, ao ocorrer uma reabertura da economia – de certa forma o fim do confinamento da população em suas casas – ocorreu crescimento considerável. Não suficiente para recompor o emprego e a renda da população, mas, surpreendentemente, elevada a ponto de prejudicar o consumo das famílias. Alguns setores foram mais fortemente afetados e isso é reflexo da economia brasileira como um todo, como aumento do preço do dólar e melhores condições de exportação, demanda reprimida etc.

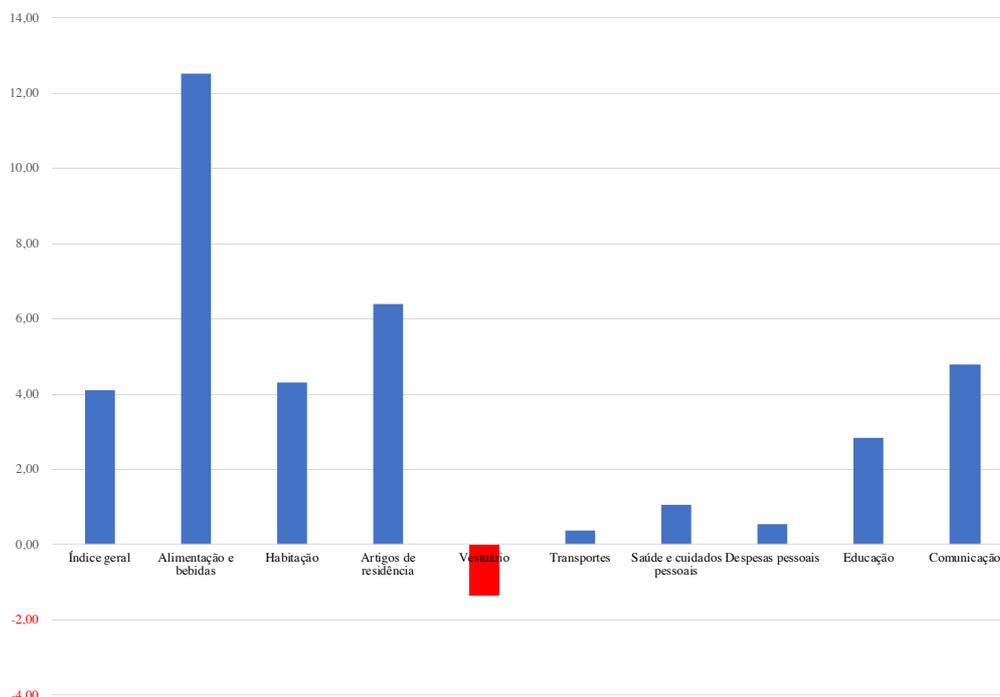


Gráfico 12: Inflação (IPCA) no município do Rio de Janeiro, em 2020
Fonte: Elaboração própria, com dados do IBGE

A partir do Gráfico 12 é importante perceber que no índice geral, o IPCA (Índice de Preço ao Consumidor Amplo) apresentou diferentes resultados nos segmentos. Cabe destacar que na metodologia do cálculo inflacionário cada setor tem peso diferente. O setor de Alimentação foi o principal responsável do aumento inflacionário. Enquanto ocorreu queda no setor de vestuário. Com o fechamento do Comércio Eletrodomésticos, moveis e utensílios tiveram quedas significantes.

Junto com a alta inflação, superior ao teto da meta não ocorreu aumento expressivo do emprego. Isso significa que houve um aumento de preços sem o aumento da renda agregada. No município do Rio de Janeiro o saldo, dos empregos, foi negativo em mais de oito mil postos de trabalho formal.

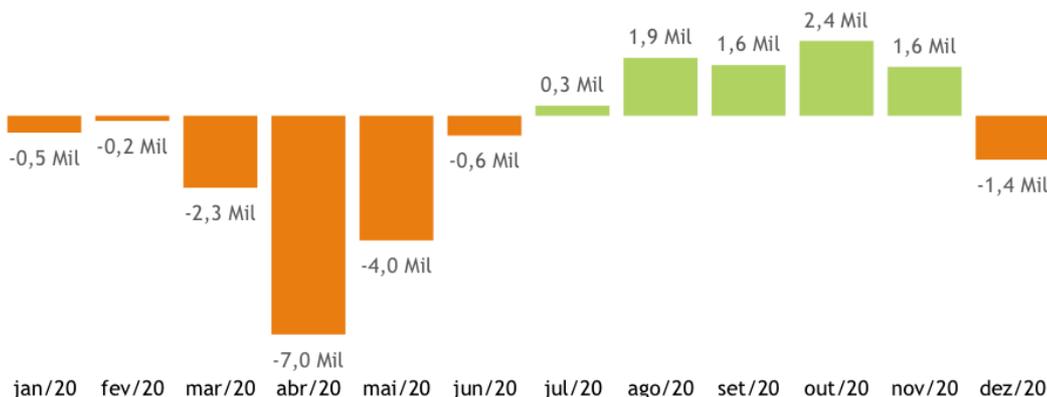


Figura 5: Evolução do saldo dos empregos, meses de 2020
Fonte: FIRJAN

A Figura 5 mostra o pior momento da pandemia, no primeiro semestre de 2020. Cabe chamar a atenção para os meses de janeiro e fevereiro que já indicavam perdas de emprego antes do fechamento da economia, enquanto dezembro, um mês que, geralmente, apresenta um saldo positivo por sua sazonalidade, retornou a queda. Os dados do Gráfico 12 e da Figura 5 são apenas da cidade do Rio de Janeiro, que demonstra os enormes desafios deixados por 2020, para o município.

1.2.2. Arrecadação ICMS

O bom funcionamento das principais atividades econômicas está intimamente relacionado a capacidade de arrecadação do município. O ICMS é uma importante fonte de recurso para o município do Rio de Janeiro. A cidade do Rio de Janeiro arrecada entre 40% e 45% de todo ICMS arrecadado no estado do RJ. Para verificar o comportamento do ICMS, o Gráfico 13 faz uma comparação entre os valores mensais recebidos em 2019 e em 2020.

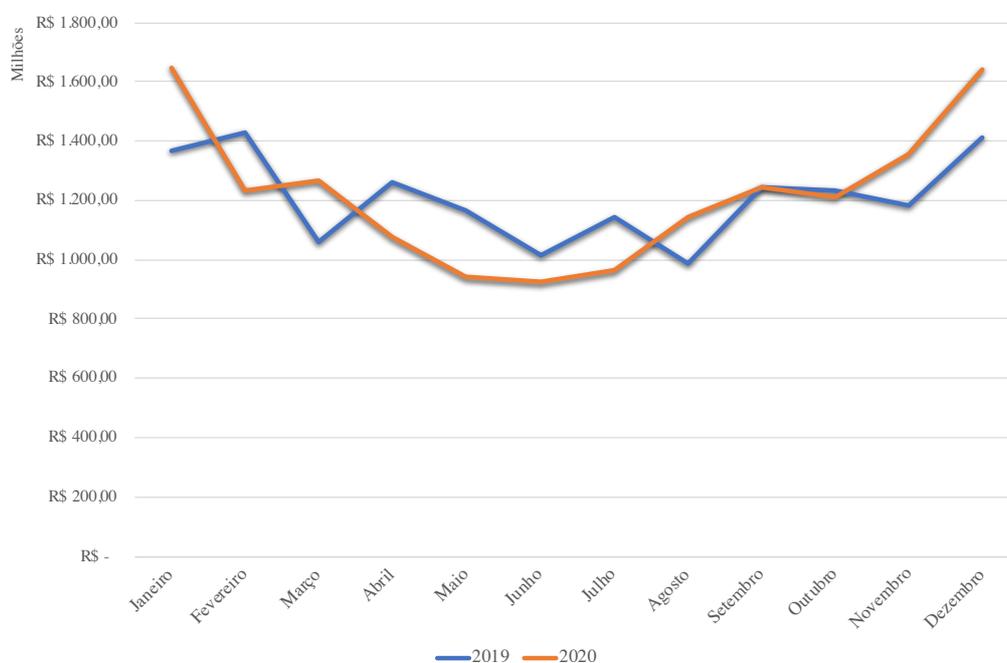


Gráfico 13: ICMS da cidade do Rio, 2019 e 2020

Fonte: SEFAZ/RJ

Entre março e julho de 2020 ocorreu uma queda considerável nas receitas de ICMS do Rio, com interessante recuperação entre outubro e dezembro deste mesmo ano. No final, a arrecadação do imposto em 2020 obteve quase o mesmo valor nominal de 2019, em torno de 14,5 bilhões, em termos nominais.

A dificuldade em manter e atrair setores industriais diversificados, a geração de emprego, o aumento da inflação e estagnação da principal fonte de receita do município indica o nível de aprofundamento da crise no município do Rio de Janeiro. A pandemia do Covid-19 enrijeceu as dificuldades que já eram observadas anteriormente. A apresentação dos dados disponíveis buscou demonstrar a dimensão do problema.

Os desafios pós-pandemia são grandes. O objetivo, inicial, do poder público municipal deveria ser recuperar as perdas de 2020, em três frentes: primeira, emprego formal; segundo é a arrecadação; e terceira, empresas. O primeiro está relacionado a recuperação de renda da população, além da importância social, este é importante para a economia local. No entanto, a inflação cresceu acima das expectativas, acima do teto e isso obriga os governantes a terem cuidado com o aquecimento da economia. O segundo, tem a ver com reaver a capacidade de obtenção de receitas, pois no pós-pandemia a atuação do governo local será primordial tanto para prestação de serviços básicos para sociedade, como para fomento da economia. E por fim, melhorar o ambiente de negócios para atrair novas empresas e incentivar as empresas que tiveram perdas na pandemia. Por fim, ressalta-se que a estratégia de recuperação deve possuir dois aspectos distintos: o primeiro é emergencial para as perdas de 2020; e um segundo, de médio e longo prazo, que tem a ver com as mudanças estruturais que a cidade vem passando nas últimas décadas. Essa segunda será determinante para o futuro do Rio de Janeiro.

6. Considerações Finais

Este trabalho apresentou uma série de dados para verificar como a economia da cidade do Rio de Janeiro vem se saindo desde 2017, ou seja, após o grande evento dos Jogos Olímpicos de 2016. Observamos queda econômica em 2018 e ligeira recuperação em 2019. A crise de 2020, devido à pandemia de Covid-19, aprofundou ainda mais a tendência de perdas na indústria de transformação.

Cada vez mais a cidade do Rio tem baseado sua economia no setor extrativista, o setor petrolífero. Embora este setor tenha desenvolvido suas tecnologias, a capacidade de transbordamento não parece se expandir para outros setores. O perigo de dependência de um setor é amplamente debatido na abordagem do desenvolvimento regional. Em tempos de crise ou variação negativa do preço do petróleo no mercado internacional, a economia se tornará frágil e volátil. Este setor gera poucos empregos, assim como pouca participação na massa salarial do município. A preocupação com a economia do Rio é pouco crescimento, pouca geração de empregos e tecnologia a longo prazo. Embora o momento atual seja positivo para o setor petrolífero, com a ascensão do debate sobre novas formas mais sustentáveis de energia, permanece a preocupação de uma economia ancorada em um setor que pode acabar em um futuro próximo.

A situação da indústria de transformação carioca não é apenas um reflexo da desindustrialização brasileira, é mais antiga e profunda. Uma economia cada vez mais voltada para a produção de commodities. Para Sobral (2017) os indícios de desindustrialização são claros mesmo com as expectativas do petróleo e os investimentos no COMPERJ, CSA, Porto do Açu etc.

É urgente reconhecer o problema e acabar com negação de uma estratégia de industrialização, não apenas para a cidade do Rio, mas para todo estado. Por mais fragilizada que estejam, a indústria carioca e fluminense elas possuem relevância no cenário nacional. É impossível pensar numa solução apenas para a cidade do Rio, pois o desafio é uma política de adensamento produtivo mais efetiva para o estado. Assim como, é necessário um projeto nacional de desenvolvimento econômico focado na indústria de transformação e desenvolvimento de tecnologias. É necessário evitar a ideia de “vocações” regionais, isso

limita a entrada de novos setores e empresas. E é primordial admitir que a desindustrialização é um problema que precisa ser trabalhado.

Em suma, podemos afirmar que a crise, que já era ruim, se agravou com a pandemia, ou seja, uma crise dentro de outra. Assim como o estado do RJ passa por desindustrialização, a cidade do Rio de Janeiro enfrenta o mesmo processo. Mais do que perder indústria, emprego industrial e importância no cenário nacional é a falta de conexão, capacidade de gerar novos conhecimentos e conseguir inovar, se tornar uma economia independente do petróleo. A crise também se apresenta como oportunidade de mudança, enxergar as limitações, planejar uma base industrial com rumo para novas tecnologias, aproveitar o acúmulo de conhecimento existente no município e pensar estrategicamente em inovação. O grande entrave é a falta de diagnóstico e sincronismo com uma política nacional.

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001

Referências

ANAC. Disponível em < <https://www.anac.gov.br/home> > Acesso em 06/01/21.

BRESSER-PEREIRA, L. C.; MARCONI, Nelson. Existe doença holandesa no Brasil? In: Luiz Carlos Bresser Pereira. (Org.). **Doença holandesa e indústria**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2010, p. 207-230.

CARVALHO, André Roncaglia de; Bresser-Pereira. A teoria do novo-desenvolvimentismo. **Estudos Avançados**, v. 33, n. 95, p. 291-296, 2019.

DANTAS, Fernando. **O Estado de São Paulo**. Por que a economia do Rio caiu tanto? Disponível em < <https://economia.estadao.com.br/blogs/fernando-dantas/por-que-emprego-no-rio-caiu-tanto/> > Acesso em 24/02/21.

DATA VIVA. Disponível em < <http://dataviva.info/pt/> > Acesso em 25/01/21.

FIRJAN. Disponível em <<https://www.firjan.com.br>> Acesso em 18/01/21.

FGV. O Rio em perspectiva: O peso da dívida. **FGV DAPP**, 2017. Disponível em < <http://dapp.fgv.br/o-rio-em-perspectiva-o-peso-da-divida/> > Acesso em 25/02/21

GALA, Paulo. **Complexidade Econômica: uma nova perspectiva para entender a antiga questão da Riqueza das Nações**. Rio de Janeiro: Contraponto, v. 20, 2017.

HIRATUKA, Célio; SARTI, Fernando. Transformações na estrutura produtiva global, desindustrialização e desenvolvimento industrial no Brasil. **Brazilian Journal of Political Economy**, v. 37, n. 1, p. 189-207, 2017.

IBGE. Disponível em < <https://www.ibge.gov.br> > Acesso em 05/01/21.

IBGE/SIDRA. Disponível em < <https://www.sidra.ibge.gov.br> > Acesso em 15/01/21.

NASSIF, ANDRÉ: Há evidências de desindustrialização no Brasil? **Textos para Discussão** 108, Rio de Janeiro, julho, 2006.

NATAL, Jorge. Inflexão econômica e dinâmica espacial pós-1996 no Estado do Rio de Janeiro. **Nova Economia**, v. 14, n. 3, 2009.

NATAL, Jorge et al. Inflexão econômica e dinâmica espacial pós-1996 no Estado do Rio de Janeiro. **Nova Economia**, v. 14, n. 3, p. 71-90, 2004.

OLIVEIRA, Floriano José Godinho; DE OLIVEIRA, Leandro Dias. Espaço metropolitano, regionalização da economia e reestruturação produtiva no estado do Rio de Janeiro, Brasil. **Cuyonomics. Investigaciones en Economía Regional**, p. 39- 65, 2020.

OREIRO, José Luis; FEIJÓ, Carmem A. Desindustrialização: conceituação, causas, efeitos e o caso brasileiro. **Brazilian Journal of Political Economy**, v. 30, n. 2, p. 219-232, 2010.

OSORIO, Mauro. **Rio nacional, Rio local**. Rio de Janeiro: Senac, 2005.

Prefeitura do Rio. Disponível em < <https://prefeitura.rio> > Acesso em 22/02/21.

RAIS. Relação Anual de Informações Sociais. Base de dados on-line. Disponível em: <https://www.caged.gov.br/index.html>. Acesso em: 29/07/2020.

ROWTHORN, Robert; RAMASWAMY, Ramana. Growth, trade, and deindustrialization. **IMF Staff papers**, v. 46, n. 1, p. 18-41, 1999.

SILVA, Robson Dias. **Indústria e desenvolvimento regional no Rio de Janeiro, 1990-2008**. FAPERJ, 2012.

SEFAZ/RJ. Disponível em < <http://www.fazenda.rj.gov.br/sefaz/> > Acesso em 20/01/21.

SISCOMEX Disponível em < <http://siscomex.gov.br>> Acesso em 21/01/21.

SQUEFF, GABRIEL COELHO; **Desindustrialização: Luzes e Sobras no debate brasileiro**. Texto para discussão 1747 IPEA, Brasília, junho 2012.

SOBRAL, Bruno Leonardo Barth. Limites ao Desenvolvimento do Estado do Rio de Janeiro: Aspectos Estruturais de seu Processo de Industrialização no período recente. **Revista Econômica**, v. 11, n. 2, 2009.

SOBRAL, Bruno Leonardo Barth. A falácia da “inflexão econômica positiva”: algumas características da desindustrialização fluminense e do “vazio produtivo” em sua periferia metropolitana. **Cadernos do Desenvolvimento Fluminense**, n. 10, p. 9-28, 2016.

SOBRAL, Bruno Leonardo Barth. A evidência da estrutura produtiva oca: o Estado do Rio de Janeiro como um dos epicentros da desindustrialização nacional. **IPEA**, 2017. Disponível em

<http://repositorio.ipea.gov.br/bitstream/11058/9057/1/A%20Evid%20da%20estrutura.pdf>

Tregenna, Fiona. “Characterizing deindustrialization: an analysis of changes in manufacturing employment and output internationally”. **Cambridge Journal of Economics**, Vol. 33, 2009.

URANI, André. **Trilhas para o Rio: Do Reconhecimento da queda à reinvenção do futuro**. Elsevier, 2008.